

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 41 – Junho / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

JUNHO / 2020

SOBRE MEMÓRIAS, VALORES E INOVAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

Dra. Madalena de Oliveira Molochenco

SOBRE MEMÓRIAS, VALORES E
INOVAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE
FORMAÇÃO DOCENTE E A
EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

ABOUT MEMORIES, VALUES AND INNOVATIONS: REFLECTING
ON TEACHING TRAINING AND THEOLOGICAL EDUCATION

Dra. Madalena de Oliveira Molochenco¹

¹ Graduada em Pedagogia e Teologia. Mestre em Distúrbios do desenvolvimento e Doutora em Educação. E-mail: madamolo@uol.com.br

RESUMO

Este artigo é uma leitura sobre memórias, valores e inovações; fruto da leitura de um capítulo da obra “Ensinar a ensinar: Didática para a escola fundamental e média”. Chamou minha atenção 3 funções que a autora atribui ao trabalho do docente descritas no capítulo intitulado O papel do professor na sociedade digital, em que destaca o professor como ‘agente de memórias, valores e inovações’. A memória como um arcabouço de lembranças e marcas na história institucional e na vida dos atores institucionais; os valores como objetivos no conhecimento e na vida ética dos docentes; as inovações como alvos a serem explorados e utilizados para se atingir às novas gerações bem como aplicados às ações docentes. A educação Teológica não passa ao lado destas funções, nem seus docentes longe de tais movimentos. Mais do que nunca é preciso refletir sobre tais questões.

Palavras-chave: Formação docente. Memórias. Valores. Inovações.

ABSTRACT

This article is a reading about memories, values and innovations resulting from the reading of a chapter of the book “Teaching to teach: Didactics for elementary and high school”. It caught my attention 3 functions that the author attributes to the work of the teacher described in the chapter entitled *The role of the teacher in the digital society*, in which she highlights the teacher as an ‘agent of memories, values and innovations’. Memory as a framework of memories and marks in institutional history and in the lives of institutional actors; values as objectives in the knowledge and ethical life of teachers; innovations as targets to be explored and used to reach new generations as well as applied to teaching actions. Theological education does not pass by these functions,

nor its teachers far from such movements. More than ever it is necessary to reflect on such issues.

Keywords: Teaching training. Memories. Values. Innovations.

INTRODUÇÃO

Chegou às minhas mãos um livro intitulado “Ensinar a ensinar. Didática para a escola fundamental e média”.² No capítulo 5, escrito por Vani Moreira Kenski, *O papel do professor na sociedade digital*, chamou minha atenção, três funções que a autora destaca sobre o papel do professor: ‘O Professor, agente da memória’; ‘O professor, agente de valores da sociedade’ e ‘O professor, agente das inovações’. Entre seus argumentos sobre o tema, a autora nos ensina que ao professor “compete” a busca por novos saberes. A sociedade se mantém pela “transmissão” e “manutenção” de conhecimentos valorizados pela ‘cultura’ de grupos sociais aos quais pertencem estes professores, no tempo decorrido da história. Para isso, é necessária conexão, ou como ela denomina, “interações e intercâmbios” com novas linguagens midiáticas, desconhecidas por algumas gerações de professores, na tentativa de uma aproximação a um novo tempo de muitas inovações e desconhecimentos. O tempo da pandemia vivido pelo mundo no ano de 2020 veio comprovar isso e surpreendeu a todos que de uma maneira ou de outra se depararam com este quadro histórico mundial.

Gostaria de compartilhar este texto, buscando algumas inferências para a formação do docente de Teologia a partir das colocações desta autora.

² CASTRO, Amélia Domingues de, CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (orgs.) et al. *Ensinar a ensinar. Didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Cengage, 2018, pgs, 93-105.

1. O PROFESSOR COMO AGENTE DA MEMÓRIA

No item “professor como agente da memória”, Kenski nos fala sobre ‘uma memória social informal’ representada pela escola na medida em que proporciona formal ou informalmente, momentos de trocas que se caracterizam por “linguagens próprias, histórias, lendas, canções, relações interpessoais, brincadeiras rituais, festas, tradições, hábitos e mitos”,³ que se formam entre os atores presentes e participantes da vida escolar. Uma cultura escolar é desenvolvida historicamente por atitudes, hábitos e valores de cada grupo, é chamado pela autora de memórias sociais. Cada grupo, em cada momento histórico, mantém ou cria atitudes, hábitos e valores que representam opiniões de tal grupo, marcando assim determinada comunidade em determinado lugar.

266

Na Educação Teológica não é diferente, esses elementos estão presentes. Lembro certa vez, uma denominação que queria criar uma única Matriz curricular a todas as instituições de Teologia, tarefa bem extensa para um Brasil de medidas continentais. Seria a mesma coisa que querer colocar a todos numa caixa, pensando e agindo da mesma forma para contextos tão diversificados em nosso país. A pandemia nos ensinou muito sobre diferenças regionais. O tempo vivido de um aluno em um seminário ou faculdade de Teologia marca com força a memória informal com suas celebrações, suas comemorações, musicais, eventos, e todo um contexto de comunidade escolar vividos nas diferentes regiões brasileiras. As trocas entre os atores institucionais marcam a vida nas aulas, nas conversas de corredor, nos compartilhamentos construindo uma rede de socialização, criando uma cultura escolar que é perpetuada por gerações.

Neste sentido, se forma o que a autora chama de ‘memória educativa’ que é a relação de conhecimentos disciplinares,

³ KENSKI, 2018, p. 95.

teorias e pensamentos que constituem acervos institucionais. Cada instituição tem a sua memória e cultura. Os professores em suas mais variadas ações educativas atuam nesses acervos e são valorizados pelos alunos como possuidores de áreas de domínio que não se referem somente ao cabedal de conhecimentos do docente, mas também o quanto ele se auto desafia em relação a uma permanente capacidade de “questionar sua relação com este conhecimento, de refletir, de ir além”.⁴ Aprender é um ato constante de busca, é uma virtude do bom professor ao compartilhar com seus pares, com seus alunos e pesquisar constantemente sua área de ensino, criando um espaço ousado de descobertas. Infelizmente, encontramos em nossas salas de aula alguns modelos que não se assemelham ao que Kenski nos coloca. Professores mal preparados, acomodados em temáticas que não levam o aluno a novos desafios pelo fato de o professor não se ‘auto desafiar’ a novas aprendizagens e, como diz a autora, a descobertas, numa atitude de ousadia frente ao conhecimento.

As salas de ensino teológico marcam pessoas não só no conhecimento bíblico, mas também na própria vivência do ‘ser cristão’, do crescer na vida espiritual, do conviver com os princípios da mutualidade cristã, fortalecendo a Igreja de Cristo. Somos cristãos mais fortes desde o momento em que possuídos não só de conhecimentos bíblicos, mas de vivências reais na vida cristã, vamos alcançando a cada dia a imagem de Cristo (Ef 4.13). Neste sentido, a Educação teológica tem um papel desafiador e uma missão fantástica.

Como agente de memória na sociedade digital, Kenski nos desafia a perspectivas de como lidarmos com as novas gerações caracterizados pela velocidade, com a inovação imediata, com o líquido, fluido como ensina Bauman (2009) em suas pesquisas deste o início do século. A autora alerta para que ensinemos os alunos do momento presente a olharem para o passado, para as

⁴ KENSKI, 2018, p. 97.

origens, com o objetivo de aprender com eles; pelo que já foi realizado, alcançado; a aprender a respeitar as construções socialmente vividas como algo tão importante quanto a mais recente inovação bem como as que ainda estão por ser criadas. Perrenoud (1999), já no final dos anos noventa, nos desafiava em 10 novas competências para ensinar e alertava sobre a necessidade de lidarmos com “ferramentas midiáticas” no ensino. O mundo virtual nos provoca a experiências com outras sociedades, com pessoas de outras partes do nosso país e do mundo, ampliando assim a visão de indivíduo/mundo movimento esse que se torna espaço de troca e cooperação.

Há cerca de 60 dias fomos surpreendidos no Brasil com a pandemia do COVID que já passara pela Ásia e Europa e também se dirigiu ao Brasil. Fomos pegos de surpresa, sem preparo e, escolas, empresas, instituições eclesásticas e a sociedade como um todo precisaram atualizar-se com a Tecnologia da informação, as TIs. Para a maioria, um universo desconhecido. Tal situação levou todos a novas aprendizagens e capacitações. Para a autora, diante nos recursos midiáticos,

o papel do professor deverá ser o de estimular e atuar junto com os alunos para recuperar a origem e a memória do saber, estabelecer uma certa ordem e direcionamento para as práticas, os conhecimentos, as vivências e posicionamentos aprendidos nos mais variados ambientes e equipamentos: dos livros aos computadores, redes e ambientes virtuais.⁵

Estamos preparados para a geração digital? Com certeza o tempo da pandemia nos alertou para isso. Gosto de pensar na educação dos Hebreus. Esse povo, tão especial para Deus foi marcado pela memória informal e educativa. Ao pensarmos em memória digital, evidentemente, não encontramos paralelos nas escrituras de forma direta, mas ao pensar em Jesus que quebrou diversos tabus da sua época, com certeza foi um modelo desa-

⁵ KENSKI, 2018, p. 97.

fiador de mestre e se apresenta atual para os dias de hoje. A memória na sociedade digital é mais do que nunca real e, marca o tempo presente bem como, é um grande desafio para a modernização e atualização da Educação Teológica.

2. O PROFESSOR COMO AGENTE DE VALORES

Valores pessoais estão implícitos na ação docente. A autora traz uma linha de pensamento quanto a valores na ação docente que dizem respeito a “competência para ensinar”, “relacionar-se” e “ser aberto para novos caminhos para o ensino e aprendizagem” pessoal e de seus alunos. Com isso ela enfatiza que muito do que se fala em sala de aula fica esquecido ou guardado em alguma gaveta da memória, entretanto, “as atitudes e valores, adquiridos no convívio e no exemplo de seus professores permanecem incorporados aos seus comportamentos, às suas lembranças”.⁶ Tal condição se aplica diretamente ao professor de Teologia. Ao entrar na sala de aula, sua personalidade está presente. Ser pessoa, é uma característica essencialmente humana que nos difere exatamente por isso: somos diferentes uns dos outros. A maneira de pensar, de expressar preferências, de crer, de manifestar sentimentos são de cada ser humano em que “o fim precípuo da atividade educacional é fazer com que cada um de nós descobria a pessoa que é, atendendo a uma vocação, a um chamamento que vem de nosso íntimo a aponta para algo fora de nós, tornando a vida significativa”.⁷ Além de um chamamento para a atividade docente cada um de nós, docentes da Teologia temos outro chamamento, qual seja, o de servir ao Reino.

Os valores do docente em relação ao conhecimento. Ensina a autora que a maneira como lidamos com o conhecimento e os expressamos de forma oral, ou via textos, demonstra o valor

⁶ KENSKI, 2018, p. 100.

⁷ MACHADO, 2016, p. 130.

que atribuímos a tal conhecimento. Uma atitude positiva, estimulante diante do conhecimento influencia “o comportamento intelectual do aluno”. O professor “seduz com a informação, cria um clima favorável [...] reinterpreta dos dados e os transforma em mensagem”, formando um “conjunto complexo em que se misturam raciocínios lógicos, sentimentos, emoções, e, sobretudo, valores que permanecem agregados às informações apreendidas”.⁸ Qual de nós, docentes, não se recorda de sua formação inicial em Teologia, de momentos marcantes, com pessoas que expressavam em sala de aula seu amor, sua piedade e seu compromisso com Deus? Acredito que cada um de nós tem uma experiência com algum docente que marcou sua personalidade, marca essa que ficou não somente gravada em caixinhas da memória, mas integram hoje sua personalidade.

O professor, agente de valores na sociedade digital. Nesse item, Kenski traz uma contribuição importante sobre a velocidade dos tempos presentes. Tal velocidade gera um clima de “imprevisibilidade” que demanda do professor uma atenção constante e se apresenta diretamente sobre suas ações. Interessante é a frase em que afirma que o professor já não é conhecido como “aquele que sabe”, mas como “aquele que pesquisa”.⁹ As inovações diante do docente fazem com que este esteja sempre alerta a “desvendar o que é novo”. Mais interessante ainda é que a atitude do docente diante do novo não pode mais ser considerada como uma investigação solitária, mas uma investigação conjunta, de colaboração de “produção e ação em equipe” para que sejam “bem-sucedidas”. A atividade em equipes é uma marca do século XXI. Empresas e a geração da maioria das lideranças empresariais hoje é caracterizada pela geração Y. Os ambientes virtuais abrem espaços a novas profissões que têm surgido com o desenvolvimento das tecnologias. Em escolas, os ambientes virtuais de aprendizagem - chamados de AVA - deve-

⁸ KENSKI, 2018, p. 100.

⁹ KENSKI, 2018, p. 101.

riam proporcionar espaços de trocas em que o respeito a opinião do outro e as construções em grupo pudessem ser valorizadas a fim de que “valores éticos morais voltados à cooperação e colaboração entre todos” pudesse ser ampliada.¹⁰ Estamos no ano 2020 e a autora cita o educador português, Nóvoa, que desde 1992 advertia os professores a respeito de sentimentos de surpresa, confusão, dúvidas entre docentes em vista das constantes novidades que o desenvolvimento traz. Uma responsabilidade é apontada em relação às ações docentes: “recuperar o respeito entre as pessoas, a solidariedade e a liberdade para se colocarem livremente conscientes da importância da contribuição pessoal na construção do pensamento comum”.¹¹

Este pensamento é próprio da Educação virtual: colaboração, espírito colaborativo. Estaremos nós da Educação Teológica voltados a este tipo de ação docente? Este que valoriza a formação do cidadão consciente, de uma ação social que extrapole seus limites geográficos atingindo uma visão mais global de mundo? O ano de 2020, ano da pandemia, pudemos perceber pessoas do mundo inteiro lutando contra um inimigo em comum, o corona vírus. Pessoas de toda a parte, de diversos credos, invocando ao seu deus por um livramento deste mal. Assistimos a pessoas e instituições religiosas quebrando tradições e ritos religiosos para que este mal pudesse ser eliminado. Um clima de solidariedade, abriu muitas janelas, diversas portas para os que mais necessitavam, mas também vimos muita maldade e injustiças vividas pelo mundo todo. O acompanhamento disso tudo só foi possível graças à tecnologia que nos liga a todos “on time”. Estaria a Educação Teológica preparada para um tempo como este?

¹⁰ KENSKI, 2018, p. 101.

¹¹ KENSKI, 2018, p. 101.

3. O PROFESSOR, AGENTE DE INOVAÇÕES

Kenski encaminha o leitor a concepções de um docente com o “arauto permanente das inovações”. Destaca o professor que “aproxima o aprendiz das novidades, a descobertas, informações e notícias orientadas para efetivação da aprendizagem”.¹² Os veículos de informação abastecem em excesso o consumidor onde se pode encontrar de tudo a toda hora. Para a autora o papel do professor diante deste cenário é o de ajudar o aprendiz a elucidar tanta informação, a refletir, a selecionar, fomentando a discussão criativa e elucidativa. Neste sentido, há que se pensar no conhecimento individual e coletivo. No âmbito individual cabe a orientação mencionada acima e no âmbito grupal cabe a inovação no sentido de formar redes de comunicação, grupos de discussão organizados com a finalidade da avaliação crítica. Kenski chama o professor de ‘animador da inteligência coletiva dos grupos’ em que “sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc...”

O professor, agente criador e estimulador de inovações.

Cada vez mais presentes na educação tradicional, os recursos das redes se colocam como que naturalmente na vida dos estudantes, formando aquilo que tem sido chamado de educação híbrida, intercalando momentos presenciais com momentos a distância.

Há uma expressão em português que diz: ‘esta foi uma pessoa a frente de seu tempo’. Ao utilizarmos tal expressão nos referimos ao que tem uma mente aberta, ao visionário, àquele que tem sonhos e fala e realiza ações que poderiam no tempo presente não serem compreendidos. Poderíamos fazer um paralelo quanto ao trabalho do professor. Um professor está ‘à frente do seu tempo’ ou está ‘à frente no seu tempo’? Eu diria que os dois formatos estão corretos. Estar a frente do seu tempo

¹² (KENSKI, 2018, p.102)

significa como dito acima, ser um visionário, ver os alunos se desenvolvendo e vendo-os serem, na Educação Teológica, “ministros” efetivos, construindo instituições inovadoras. No sentido do docente à frente no seu tempo nos remete ideia de sempre buscar o novo, indicar leituras, produzir conhecimento inovador, buscar temáticas atualizadas, fazendo de seus alunos pessoas também à frente.

São muitas as linguagens novas a serem aprendidas por um professor no seu tempo: bluetooth, podcast, spam, hack, fake, stream, spotify, hashtag, bug, emoji, gif, wiki, wifi, educação híbrida e por aí vai. Um novo palavreado e um novo dicionário estão presentes no dia a dia do professor. Falando novamente da pandemia que surpreendeu as escolas desde a Educação infantil ao nível superior, esta, trouxe a necessidade de aprender a lidar com novos formatos de aulas, agora virtuais. Vocabulários e mecanismos de comunicação virtual foram acessados foi imperativo aprender a lidar com o google meet, facebook, zoom, google class, youtub e muitos outros canais de encontros virtuais para dar conta de conteúdos e aulas virtuais.

Aos alunos coube também a tarefa de aceitar estes desafios e manuseá-los sem aquela comunicação presencial já estabelecida. Sem sombra de dúvida tais tecnologias foram contribuições positivas, mas, como também foi dito, as desigualdades sociais provocaram reações negativas àqueles que não puderam acompanhar todo este movimentos, na maioria das vezes por não terem dispositivos móveis apropriados para as novidades. As mensalidades por sua vez continuaram a cair nas contas bancárias e negociações para evitar a evasão se fizeram necessárias.

Os cursos de Teologia, hoje ofertados na modalidade a distância, geraram uma discussão que fez parte de muitas rodas denominacionais, bem como a regulamentação junto a órgãos do governo. Kenski, uma defensora dos cursos virtuais, nos desafia em seu texto a 4 áreas nesta nova realidade educacional:

1. Pedagógica: o professor é orientador do caminho para o desenvolvimento do curso
2. Social: o professor é o criador de formas de comunicação interpessoal criando ambiente favorável a isso, fomentando os alunos a respostas de perguntas curiosas e criativas, comentários bem como a reflexões a informações disponíveis nas redes e espaços virtuais.
3. Gerencial: definir regras, prazos, garantindo ao aluno segurança técnica e orientação segura a seus esforços em alcançar os objetivos propostos.
4. Técnica: o professor trabalha na “fronteira” do conhecimento e estimula os alunos a novas criações com blogs, portfólios, e-books, produzindo mais espaços de interações para promoção do processo de aprendizagem.

A autora finaliza seu texto com a seguinte afirmativa: “Na sociedade digital, o papel dos professores se amplia, ao invés de se extinguir” e, reafirma sua posição descrita em outro texto de sua autoria quando diz que

Os projetos de educação permanente, as diversas instituições e cursos que podem ser oferecidos para todos os níveis de ensino e para todas as idades, a internacionalização do ensino - através das redes - criam diferentes oportunidades educacionais para aqueles professores que aceitaram estes desafios e se colocam abertos a estas novas e estimulantes funções.¹³

¹³ KENSKI, 1999, in KENSKI, p. 104.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo dizendo que o professor de cursos de bacharelado em Teologia e os atores envolvidos na Educação Teológica, são agentes de memórias, valores e inovações. Na memória social informal além de conteúdos socioeducativos, o bom modelo de vida de um líder é essencial para um trabalho realmente edificante. A memória educativa quando submetida a desafios constantes de autoformação fazem do professor um líder mais bem preparado e que poderá de forma mais direta contribuir para o desenvolvimento de seus aprendizes. A memória na sociedade digital é mais do que nunca real e, marca o tempo presente bem como, é um grande desafio para a modernização e atualização da Educação Teológica.

Gosto de pensar na educação dos Hebreus. Ese povo tão especial para Deus foi marcado pela memória informal e educativa. Ao pensarmos em memória digital, evidentemente, não encontramos paralelos nas escrituras de forma direta, mas podemos pensar no ministério educativo de Jesus que quebrou tabus e procurava colocar ao povo um novo tempo que haveria de vir e certamente foi um modelo desafiador para sua época. Minha oração é que Deus nos faça agentes de memória informal, educativa, nós que vivemos numa sociedade digital.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (orgs.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Cengage, 2018.

KENSKI, Vani Moreira. *O papel do professor na sociedade digital*. In: CASTRO, Amélia Domingues de, CARVALHO, Anna Maria Pes-

soa de (orgs.). **Ensinar a ensinar:** didática para a escola fundamental e média. *São Paulo: Cengage, 2018.*

MACHADO, Nilson José. **Educação, cidadania, projetos e valores.** *São Paulo: Escrituras, 2016.*

NOVOA, A. **Vida de professores.** Porto: Porto editora, 1992.

PERRENOUD, Philippe. **10 nova competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

